

Antropologia Clássica – PPGAS-UFSCar
Profº Luiz Henrique de Toledo

Ementa

Dois são os objetivos entrelaçados das leituras propostas (escolhidas da bibliografia e no primeiro encontro). Primeiro especular sobre a prática etnográfica como espraiamento da percepção ocidental pelo ato de observar e suas difrações e (des)encontros; atentar para o caráter convencional historicista e/ou objetivista dessa experiência que tensiona uma espécie de 'valor zero' do método etnográfico assentado em experiências de fluidez e diluição retidas no fazer daqueles que se colocaram na posição de observadores dos ou junto aos *outros*. O observar como projeção, reposição, atualização, representação ou enfrentamento, deslocamento, difração, multiplicidade, fragmentação e diálogo; Trata-se de ponderar a observação como forma e/ou conteúdo do método. Segundo, apresentar alguns dos fenômenos inventados pela antropologia que estiveram na fundação da sua prática: organização social e simbolismo em paisagens distintas e expressas nas dimensões vividas que descortinam modos de conhecimento, juízo e classificação do universo social, das coisas, dos seres e da natureza. O curso visa reter algumas poucas leituras completas de monografias que nortearam o vasto campo das ideias e das investigações antropológicas e que enunciaram debates sobre teorias do conhecimento, racionalidade e teoria do simbolismo.

Dinâmica de curso

Aulas expositivas e seminários acordados com os alunos na primeira sessão (27 de março de 2017); formas de avaliação: assiduidade, leitura e participação entusiasmada nos seminários.

Bibliografia

- Augé, M** (org). *Os domínios do parentesco*. Lisboa, edições 70, 1975.
- Bateson, Gregory**. Naven. São Paulo, Edusp, ([1958]2008).
- Brumana, Fernando Giobellna**. O soho Dogon nas origens da etnologia francesa. São Paulo, Edusp, 2005.
- Casares, Bioy & Borges, Jorge Luís & Ocampo, Silvina**. Antologia da literatura fantástica. São Paulo, Cosacnaify, 2013.
- Clifford, James**. *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro, editora UFRJ, 2011.
- Evans-Pritchard, E E**. Sexual inversion among the azande. *American Anthropologist*, 72, 1970.
- _____. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, ([1937]2005).
- Giumbelli, E**. Os azande e nós: experimento de antropologia simétrica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 261-297, jul./dez. 2006.
- Dumont, Louis** – *Introducción a dos teorías de la antropología social*. Barcelona, Anagrama, 1975.
- Goldman, Marcio**. *Razão e diferença. Afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl*. Rio de Janeiro, Editora Grypho, 1994.
- Grupioni, L D**. *Coleções e expedições vigiadas*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.
- Hertz, R**. A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In *Religião e Sociedade*, vol.06, 1980.

- Leiris**, Michel. *A África Fantasma*. São Paulo, Cosac&Nayfy, 2007.
- Kopenawa**, Davi & **Albert**, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami. São Paulo Companhia das Letras, ([2010]2015).
- Leach**, Edmund – *Repensando a Antropologia*. São Paulo, ed Perspectiva, série debates,
- Lévi-Strauss**, C. “A lógica das classificações totêmicas”. *Pensamento Selvagem*. Campinas, Papirus, 1989.
- _____ *Raça e História*. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/31225878/Levy-Strauss-Raca-e-Historia>
- Lima**, T S. “Uma história do dois, do uno e do terceiro”. In Ruben Caixeta Queiroz & Renarde Freire Nobre (orgs). *Lévi-Strauss, leituras brasileiras*. Belo Horizonte, editoraufmg/Humanitas, 2008.
- Lukes**, Steve. Bases para a interpretação de Durkheim. G. Conh (org). *Sociologia. Para ler os clássicos*. Rio de Janeiro. LTC, 1977.
- Mauss**, Marcel – Parentescos de gracejo (1926). IN **Mauss**, M. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo, Perspectiva, 2001 [1968], 2^o edição.
- _____ Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia. *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Cosac&Nayfy, (1924]2003); “Algumas formas primitivas de classificação”. *Durkheim* (coleção grandes cientistas sociais, org José Albertino Rodrigues), São Paulo, Ática, [1903]1988. Disponível em: <http://sociofespp.files.wordpress.com/2013/01/durkheim-mauss-cap-17-algumas-formas-primitivas-de-classificac3a7c3a3o.pdf>.
- _____ “Uma categoria do espírito humano. A noção de pessoa. A de eu”. *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Cosac&Nayfy, ([1938]2003).
- _____ Esboço de uma teoria geral da magia. *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Cosac&Nayfy, ([1904]2003).
- Morgan**, L. *A sociedade primitiva*, Lisboa, Editorial Presença, 1973.
- Perrone-Moisés**. B. Conflitos recentes, estruturas persistentes: notícias do Sudão. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2001, V. 44 n^o 2. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v44n2/8834.pdf>
- Pinheiro Filho**, F. A noção de representação em Durkheim. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n61/a08n61.pdf>.
- Radcliffe-Brown**, R. “O irmão da mãe na África do sul” (1924), “Os parentescos por brincadeira” (1940); “notas adicionais sobre os parentescos por brincadeira” (1949). *Estrutura e função nas sociedades primitivas*, São Paulo, Vozes.
- Rivers**, W. H. – Terminologia classificatória e matrimônio com primo cruzado. IN Cardoso de Oliveira (org) *A Antropologia de Rivers*, Campinas, ed da Unicamp, ([1991).
- Rousseau**, JJ Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens.
- Simonis**, Yvan. A lógica do sensível. *Introdução ao estruturalismo*. Lisboa, Moraes editores, 1968.
- Starobinski**, J *Jean-Jacques Rousseau: transparência e o obstáculo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011; *Montaigne em movimento*, São Paulo, Companhia das Letras, (1993).
- Stocking**, G. Franz Boas. A formação da antropologia Americana. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.
- Strathern**, M. Fora de contexto. As ficções persuasivas da antropologia. São Paulo, Terceiro Nome, 2013(1987).
- _____ *O efeito Etnográfico*. São Paulo, CosacNaify, 2014.
- Tarde**, G. Monadologia e sociologia. Petrópolis, Vozes, 2003.

Tible, Jean. Marx Selvagem. São Paulo, Annablume, 2013.

Themudo, T. Tarde, G. Sociologia e subjetividade. Rio de Janeiro, Relime Dumará, 2002.

Turner, V. *Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu*. Niterói: EdUFF, 2005, p. 95-135.

Vernant, Jean-Pierre. Figuração do invisível e categoria psicológica do duplo: o kolossós. *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo, Paz e Terr, 1990.

Wagner, Roy. A invenção da cultura. São Paulo, CosacNaify, 2010.

Woortman, K. A ideia de família em Malinowski. *Revista Campos*, no 2, pp7-32, 2002.

Disponível

em:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewFile/1572/1320>

Tang (Conto da dinastia)

[Autor chinês desconhecido, dinastia Tang (618-907)]

O ENCONTRO

Ch'ienniãng era filha do sr. Chang Yi, funcionário de Hunan. Tinha um primo chamado Wang Chu, que era um jovem inteligente e bem-apegoado. Foram criados juntos, e, como o sr. Chang Yi gostava muito do jovem, disse que o aceitaria como genro. Ambos ouviram a promessa, e, como ela era filha única e estavam sempre juntos, o amor foi crescendo dia a dia. Já não eram crianças e chegaram a ter relações íntimas. Infelizmente, o pai era o único que não percebia nada. Um dia, um jovem funcionário veio pedir-lhe a mão de sua filha. O pai, descurando ou esquecido de sua antiga promessa, consentiu. Ch'ienniãng, dividida entre o amor e o respeito filial, quase morreu de tristeza, e o jovem ficou tão enciumado que resolveu ir embora do país para não ver sua noiva casada com outro. Inventou um pretexto e comunicou a seu tio que precisava ir para a capital. Como o tio não conseguisse dissuadi-lo, deu-lhe dinheiro e presentes e ofereceu uma festa de despedida. Wang Chu, desesperado, não parou de cismar durante a festa e disse para si mesmo que era melhor partir e não perseverar num amor sem nenhuma esperança.

Wang Chu embarcou numa tarde e, após poucas milhas de navegação, veio a noite. Disse ao marinheiro que fundeasse a embarcação para descansar. Não pôde conciliar o sono e por volta da meia-noite ouviu passos se aproximando. Levantou-se e perguntou:

- Quem anda por aí a esta hora da noite?
- Sou eu, Ch'ienniãng - foi a resposta. Surpreso e feliz, pediu-

-lhe que entrasse na embarcação. Ela falou que planejava ser sua mulher, que seu pai fora injusto com ele e que ela não conseguia se conformar com a separação. Também receara que Wang Chu, solitário e em terras desconhecidas, fosse levado ao suicídio. Por isso desafiara a reprovação do povo e a cólera dos pais e resolvera segui-lo aonde quer que ele fosse. Muito felizes, prosseguiram a viagem para Sichuan.

Passaram cinco anos de felicidade e ela lhe deu dois filhos. Mas não chegava nenhuma notícia da família e Ch'ienni-ang pensava todo dia em seu pai. Essa era a única nuvem em sua felicidade. Ignorava se seus pais estavam vivos ou não, e uma noite confessou a Wang Chu sua aflição: como era filha única, sentia-se culpada de um grave desrespeito filial.

- Você tem um bom coração de filha e estou do seu lado - respondeu ele. - Cinco anos se passaram e já não devem estar aborrecidos conosco. Vamos voltar para casa. - Ch'ienni-ang ficou muito contente e se aprontaram para regressar com as crianças.

Quando a embarcação chegou à cidade natal, Wang Chu disse a Ch'ienni-ang:

- Não sei em que estado de espírito encontraremos seus pais. Deixe-me ir sozinho para averiguar. - Ao avistar a casa, sentiu seu coração disparar. Wang Chu viu o sogro, ajoelhou-se, fez uma reverência e lhe pediu perdão. Chang Yi olhou para ele espantado e disse:

- Do que você está falando? Faz cinco anos que Ch'ienni-ang está de cama, inconsciente. Não se levantou uma única vez.

- Não estou mentindo - disse Wang Chu. - Ela está bem e nos espera a bordo.

Chang Yi não sabia o que pensar e mandou que duas criadas fossem ver Ch'ienni-ang. Encontraram-na sentada a bordo, bem-arrumada e contente; até mandou lembranças carinhosas a seus pais. Maravilhadas, as criadas voltaram e a perplexidade de Chang Yi aumentou. Nesse ínterim, a doente já ouvira as notícias e parecia livre de seu mal, e havia luz em seus olhos.

Levantou-se da cama e se vestiu diante do espelho. Sorrindo, e sem dizer palavra, dirigiu-se à embarcação. A que estava a bordo caminhava para casa e se encontraram na margem. Abraçaram-se, os dois corpos se confundiram e só permaneceu uma Ch'ienni-ang, jovem e bela como sempre. Seus pais ficaram muito contentes, mas mandaram que os criados guardassem silêncio, para evitar comentários.

Por mais de quarenta anos, Wang Chu e Ch'ienni-ang viveram juntos e felizes.